Entrevista: Susan Roberts

DOI: 10.54446/bcg.v14i1.3558



Entrevista realizada em abril de 2024,
por Igor Venceslau e Maria Fernanda Fossaluza

A Professora Sue Roberts esteve no Brasil em Abril de 2024, quando proferiu uma conferência no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP), intitulada "Reflexões sobre uma disciplina em mutação: a natureza mutável da Geografia e algumas lições aprendidas". Nesta entrevista, ela discute sobre a ciência geográfica e as mudanças em curso, a partir de exemplos de sua própria experiência, enquanto reflete sobre globalização, gênero, barreiras para a publicação em periódicos internacionais e outras controvérsias.

IGOR VENCESLAU: Muito obrigado por aceitar o nosso convite. Começaremos com questões mais gerais e depois teremos outras específicas a partir de artigos que você publicou, algumas coisas que gostaríamos de saber. Fique à vontade para responder como uma conversa. Então, em primeiro lugar talvez você possa nos contar um pouco mais sobre como foi sua aproximação com a Geografia. E também com a Geografia Econômica, especificamente, como você chegou aí?

SUE ROBERTS: Você quer dizer como entrei na Geografia e na Geografia Econômica?

IV: Sim, como você decidiu ou como você escolheu?

SUE ROBERTS: Bem, antes de mais nada, gostaria de dizer que é uma grande honra ser entrevistado por vocês e muito obrigada por me convidar. Entrei em Geografia, eu acho, porque sempre gostei dessa matéria na escola, porque parecia uma das poucas matérias que integrava as coisas. Assim, ela reunia elementos físicos e outros, geografia física e humana. E eu gostava de mapas e gostava de olhar para mapas e descobrir padrões humanos nesses mapas. E então, é claro, você fica curioso, bem, por que esses padrões são iguais? É uma maneira muito tradicional de entrar em Geografia, eu acho. E então, como estudante de graduação, eu não queria estudar apenas uma matéria. Mas naquela época, na Inglaterra, era isso que você tinha que fazer, tinha que escolher uma matéria. Procurei programas de graduação que fossem interdisciplinares ou multidisciplinares. Observei os estudos de desenvolvimento porque eles reuniam diferentes tipos de elementos na Geografia, como as dimensões econômica e política. E olhei para os estudos ambientais porque isso também me pareceu unir as coisas. E no final, entrei em um programa de graduação chamado "Bacharelado em Ciências Sociais", tendo a Geografia como disciplina principal. Então foi isso que eu estudei, Geografia Humana na graduação. E na verdade eu não sei se fiz alguma matéria de Geografia Econômica. Eu acho que não tinha um curso sobre isso, mas eu...

IV: Você quer dizer durante a graduação?

SUE ROBERTS: No curso de graduação, isso. Acho que era muita Geografia Urbana e era realmente um tipo de Geografia Econômica na época.

IV: Mas então, durante o mestrado e o doutorado, como você chegou de alguma maneira à pesquisa em Geografia Econômica? Ou isso não estava claro para você na época?

SUE ROBERTS: Na verdade, acho que no meu mestrado eu estava mais interessada em Geografia Política. E eu olhei para a política urbana na época, então no meu mestrado estudei em Nova York, mas não na cidade de Nova York, no estado de Nova York, na *Syracuse University*. Mas, na altura, havia muito interesse na política urbana porque as cidades, ou áreas das cidades, estavam "morrendo". E havia muitas explicações para esse fenômeno. E uma que era bastante comum era essa analogia orgânica das cidades, elas têm um ciclo de vida e nascem, amadurecem e depois morrem. É inevitável. E eu simplesmente pensei que isso não estava correto. Trata-se de um processo humano. Existem decisões tomadas para retirar serviços. Há decisões tomadas para não apagar incêndios quando eles começam. E eu olhei para isso no meu mestrado. Mas foi necessariamente uma abordagem tanto política como econômica, na verdade. Então, acho que entrei na Geografia Econômica por meio disso.

MARIA FERNANDA FOSSALUZA: Bom, durante sua carreira, você teve contato direto com geógrafos renomados como Doreen Massey e Kevin Cox em seminários, cursos e eventos. Qual é a influência desses autores em sua trajetória acadêmica?

SUE ROBERTS: É enorme. Acho difícil subestimar o quanto você é influenciado quando lê coisas que realmente fazem sentido para você e estimulam sua própria pesquisa como estudante. Eu diria que Doreen Massey foi absolutamente uma das pessoas mais influentes na minha vida intelectual. Admiro muito o jeito dela de escrever. Aprecio a forma como ela levou a sério as questões teóricas, mas também não por elas mesmas, não apenas para ser inteligente num sentido teórico, mas para realmente ver que diferença isso poderia fazer na política, na verdadeira abordagem às questões da desigualdade, que é realmente com o que ela se importava, ela que era uma pessoa amorosa. Então, sim, eu realmente aprendi muito com ela sobre como ser uma mulher na Geografia e como fazer um tipo de Geografia que seja relevante.

Outras influências importantes? Você mencionou Kevin Cox. Ele foi mais ou menos uma influência. Eu o li quando era estudante de graduação e ele tem um livro chamado algo como *Urban Political Geography* [geografia política urbana] ou algo assim. E tentei fazer uma geografia política rural para minha monografia de graduação. Foi um desastre. Foi uma pesquisa ruim, mas tentei operacionalizar as mesmas ideias sobre terra, trabalho e conflitos que ele desenvolveu para um meio urbano. Tentei

fazer isso para um meio rural. Realmente não funcionou, mas, de qualquer forma, ele foi uma influência.

Meu orientador foi John Agnew, que é principalmente um geógrafo político, mas que teve uma enorme influência. E, claro, o trabalho de David Harvey tem sido muito, muito importante para mim.

IV: Quero te perguntar algo relacionado à sua tese de doutorado, porque na época que você pesquisou sobre serviços financeiros *offshore* já era uma pesquisa relevante. Claro, por causa do que está ocorrendo no final dos anos 1980, da globalização, do fim da União Soviética, do fim desta transformação. Achamos interessante que alguns de seus primeiros artigos alertavam os geógrafos quando ainda se faziam poucas pesquisas sobre centros financeiros. Embora o tema tenha se tornado popular, poucos geógrafos estavam interessados na época. Como você avalia a produção geográfica sobre esse tema desde então? Quero dizer, especialmente no que diz respeito aos centros financeiros *offshore*. Isso mudou o interesse dos geógrafos por essas questões?

SUE ROBERTS: Você está certo. Quando fiz isso, não era comum uma pessoa fazer pesquisas de campo sobre finanças. Simplesmente não era. Talvez houvesse outras duas pessoas que fizeram algo semelhante. Linda McDowell estava trabalhando na mesma época com trabalhadores do setor financeiro. E Barney Warf estava fazendo algumas coisas nos centros financeiros. Mas não creio que alguém tenha olhado para as finanças *offshore* naquela época. E foi difícil conseguir financiamento. Na verdade, não recebi nenhum financiamento para o meu trabalho de campo. Basicamente, tive que economizar meu salário como professora assistente para fazer meu trabalho de campo.

IV: Você viajou para as Ilhas Cayman?

SUE ROBERTS: Viajei. O que realmente me interessava era por que esses espaços existiam e que tipo de diferença eles faziam para as pessoas que viviam nas Ilhas Cayman, por exemplo, mas também que tipo de consequências eles têm para as pessoas interessadas em responsabilizar o capital e ter algum tipo de, naquela altura, poder regulador do Estado sobre o capital móvel, basicamente. Porque esta era uma válvula de escape. Esta foi uma forma de o capital e os indivíduos escaparem do Estado, basicamente.

Para mim, foi muito interessante. Mas, na época, eu deveria ter continuado. Eu deveria ter continuado com as finanças *offshore*, ido para outros centros financeiros *offshore*, descobrido diferentes maneiras pelas quais as finanças *offshore* operavam na Ásia, blá, blá, blá, blá. Mas pensei, bem, eu meio que descobri... Quer dizer, na minha cabeça,

eu não tinha descoberto tudo. Mas eu de certa maneira abordei algumas questões que senti que queria abordar. E não fiquei querendo repetir a mesma pesquisa. Eu teria achado isso muito chato. Acho que, de certa forma, não foi uma boa decisão. Porque acho que a academia prefere pessoas que se limitam a uma coisa e continuam na mesma área. Mudar de assunto não é necessariamente uma boa estratégia, se você pretende tentar obter estabilidade, por exemplo, em uma universidade americana, como eu fiz. Mas foi exatamente o que decidi fazer. E ainda mantive interesse em finanças *offshore*. E eu olhei para isso em outras áreas. Por exemplo, tenho um capítulo sobre o que se passava na Irlanda naquele momento. Porque a Irlanda era uma espécie de quase centro *offshore* para algumas atividades. E eu ainda mantive isso. Ainda estou um tanto interessada nisso, na forma como esses centros funcionam.

IV: Bem, num artigo que você publicou com Anna Secor e Matthew Sparke chamado *Neoliberal Geopolitics*, no início do século 21, você criticou a divisão simplista do mundo em núcleo funcional e lacuna não integrada propagada por Barnett e influenciada pela visão do Pentágono no contexto da guerra do Iraque. Como você regionalizaria o mundo hoje, considerando as diversas situações complexas coexistentes? Por exemplo, você acha que a classificação binária Norte Global – Sul Global de alguma maneira também simplifica isso?

SUE ROBERTS: Sim, quero dizer, esta é uma questão duradoura, provavelmente para sempre, para geógrafos e estudantes. Como você imagina o mundo? Como você diferencia os espaços e as populações deste planeta? E acredito que estamos sempre em busca de classificações que façam sentido. E podem ser muitas. Poderia haver muitas, muitas. Em termos de Sul Global e Norte Global, faz sentido se as pessoas o compreenderem de uma forma relativamente matizada. É uma simplificação. Mas se for entendido como algo enraizado na história e enraizado no colonialismo e na sombra duradoura desses processos coloniais duradouros em algumas partes, então poderá fazer sentido. Mas é preciso lembrar que há partes do Norte Global que são bastante semelhantes a partes do Sul Global porque, num sentido de espaço relacional, estão numa relação semelhante, talvez, com outro espaço dentro do Norte Global. E se poderia dizer a mesma coisa do Sul Global. Penso que, desde que se trate de espaço relacional e de compreender a história dessas relações, pode fazer sentido.

MFF: Você nos disse anteriormente, e podemos descobrir isso em suas publicações, que você tem aproximações com David Harvey, que usa ideias dele em seu trabalho e tudo mais. Você poderia resumir os principais pontos da crítica que fez ao comentar as *17 Contradições e o Fim do Capitalismo*, de Harvey?

IV: Perdão. E, também, se você sabe como o próprio David Harvey responde a isso, a esse tipo de crítica que você tem feito?

SUE ROBERTS: Em primeiro lugar, devo deixar bem claro que foi uma das experiências mais dolorosas da minha vida profissional dar aquela palestra, porque foi numa AAG [Associação Americana de Geógrafos], eu acho, e o painel foi, eu acho que foi sobre seu livro, *17 Contradições e o Fim do Capitalismo*, que é um livro muito bom. Todos no painel foram extremamente elogiosos. E, claro, David Harvey, como ninguém, tem feito uma geografia crítica. Acho que não há como contestar isso, certo? Minha contribuição naquele dia foi ressaltar que reconheço tudo isso.

Mas, ainda assim, achei e ainda acho preocupante, isto é, que ele nunca tenha realmente se envolvido com críticas feministas ao seu trabalho desde o início. E não estou falando daquelas que surgiram no início dos anos 1990 por Doreen Massey e Rosalyn Deutsche e outras sobre *Condição Pós-moderna*. Estou falando desde então. Cindi Katz e outras, muitas outras, tentaram envolvê-lo, de uma forma muito amigável, para ver além da classe. E não estou dizendo para jogar a categoria classe fora. Não estou dizendo que quero entrar em algum debate abstrato sobre isso. Mas penso que é preciso reconhecer que as experiências das pessoas no mundo são diferentes e que as identidades estruturam essas experiências de formas que talvez possam ser fundamentais em certo sentido. E parece-me que não, que as teorias de Harvey não permitem isso, na verdade. Eles não permitem isso.

E eu acho que, pior do que isso, ele nem sequer considera que isso é algo que está sendo seriamente proposto. Assim, por exemplo, a sua rejeição ao trabalho de Gibson-Graham. Isso, para mim, deveria ter sido um debate. Deveria ter havido idas e vindas e uma conversa, mas nunca houve realmente uma conversa. E acho que é isso que, de certa forma, é perturbador. Acho que as geógrafas feministas queriam ter essa conversa, mas não nos foi permitido fazê-lo. E acho que foi isso que realmente me perturbou naquela época.

IV: Como foi esse painel na AAG? As pessoas responderam ao que você estava propondo pensar? Como foi isso para você?

SUE ROBERTS: Sim, eu acho... quer dizer, obviamente muitas pessoas ficaram muito aliviadas por eu ter levantado esses assuntos. Principalmente geógrafas feministas, geógrafas mais jovens que queriam que alguém defendesse essas

questões, talvez em seu nome. Ou para dar voz a alguns pensamentos que vinham tendo. Sim, houve muito apoio. Mas não era que eu estivesse procurando apoio. Eu simplesmente senti que precisava apontar isso. Porque é como se você fosse a um seminário e tivesse lido o livro, você tivesse todas as anotações na margem.

IV: Esse é o seu trabalho intelectual, certo? Você estava lá para isso.

SUE ROBERTS: Sim, exatamente.

IV: Bem, mudemos um pouco de assunto. Entre 2012 e 2013, você foi editora da *Progress in Human Geography*, uma das revistas científicas mais importantes no campo da Geografia. Apesar da crescente presença de publicações de autores chineses e indianos em revistas internacionais, ainda notamos que as contribuições de geógrafos latino-americanos e africanos são bastante minoritárias. A que fatores você atribui essa ausência e como poderia ser ultrapassada, na sua opinião?

SUE ROBERTS: Essa é uma pergunta muito boa e é uma questão que não me ocorreu, vou ser totalmente honesta, até ter desempenhado essa função editorial. E então vi como funcionam as revisões e vi como é com os artigos, porque não tinha nenhuma noção do que acontece com um artigo quando chega a uma revista como esta. Para onde é enviado, quais são as revisões, de que forma são devolvidas e assim por diante. E fiquei surpreendida. Bem, aprendi muito, digamos assim. Talvez eu não tenha ficado surpreendida. E é muito difícil para as pessoas que não escrevem, para os geógrafos, para os acadêmicos que não escrevem na sua língua materna, o inglês neste caso, e pior do que isso, o inglês acadêmico, e quase diria o inglês britânico, nessa revista. É muito difícil para eles, porque os revisores são em sua maioria falantes nativos, escritores nativos, e têm expectativas estabelecidas em relação a um artigo. E são pessoas ocupadas. Sentem-se impacientes quando leem um artigo que consideram difícil de ler.



E eu vi isso em primeira mão, porque em 2012-13 fui bolsista *Fulbright* na Finlândia. Sei que vocês não estão perguntando sobre países europeus, mas já chego nesse ponto. O finlandês é uma língua muito diferente do inglês. Muito diferente. E é um grande desafio para um falante e aprendiz de finlandês escrever em inglês e escrever em

inglês acadêmico. É um grande desafio. Os geógrafos finlandeses, tal como os geógrafos brasileiros, tal como os geógrafos, etc., são, claro, super inteligentes e têm muito para contribuir. Mas reparei que os seus trabalhos não estavam sendo bem sucedidos. Ou, pelo menos, eram menos bem sucedidos do que se eu estivesse numa universidade na Irlanda, na Inglaterra ou em outro lugar qualquer. Durante todo o ano em que estive na Finlândia, tivemos um grupo de escrita, basicamente, em que ajudei os estudantes de pós-graduação e os pós-doutorandos a se debruçar sobre trabalhos de pesquisa que tinham feito e que estavam rascunhados para o inglês. E eu consegui que esses primeiros rascunhos passassem, em conjunto, a algo que eu sabia que teria mais sucesso numa revista. Mas isso demorou um ano. Cada artigo teve de ser trabalhado durante um ano nesses grupos de trabalho intensivos para que não caíssem no primeiro obstáculo desse processo de revisão bastante brutal, que tem barreiras muito pouco explícitas, mas muito reais para as pessoas que não escrevem na sua língua materna.

Quando penso na minha experiência na Progress in Human Geography, os editores eram muito bons editores, e lidamos com uma enorme quantidade de trabalho. Quer dizer, era uma revista muito procurada. Ainda é, tenho certeza. E tivemos muitos debates sobre isso e muitas discussões, mas não tenho a certeza de que tenhamos realmente mudado as coisas. Como política, não mudamos, penso eu, qualquer tipo de agenda definida que fosse pública sobre esse assunto. Individualmente, fizemos coisas e, coletivamente, fizemos pequenas coisas, mas foi em grande parte uma reação a questões que surgiram, em vez de, digamos, solicitar ou fazer *workshops* ou, não sei, ajudar os revisores a compreender como ser um revisor de um artigo de alguém cuja primeira língua não é o inglês. E eu diria ainda que isto foi nos primórdios do *Google Translate*, por isso o *Google Translate* não ajudou. Nessa altura era uma ferramenta ainda muito desajeitada. Agora talvez seja mais fácil, e existe a IA [inteligência artificial] e todo o tipo de coisas, por isso talvez seja mais fácil para as pessoas escreverem numa língua que não seja a sua língua materna. Muito bem, mas para chegar à sua pergunta sobre a representação, sim, é muito, muito particular. Não existe uma representação nessa revista ou em qualquer outra, diria eu, revista de primeira linha em língua inglesa da amplitude e riqueza do conhecimento geográfico. Simplesmente não existe. E penso que, em parte, isso tem a ver com esta questão da língua.

IV: Na sua opinião, o que ajudaria os autores de países não anglófonos a publicar em revistas de renome mundial, como a *Antipode* ou a *Progress in Human Geography*?

SUE ROBERTS: Bem, penso que o tipo de coisas que eu sugeri, mas uma questão fundamental: a responsabilidade sempre recai sobre os autores. Porque não é também

uma responsabilidade dos revisores e dos editores? Por que não tentamos mudar a cultura da revisão e da edição? Penso que isso é outra coisa completamente diferente.

MFF: Passando agora a uma pergunta de carácter mais geral. Você é professora no Departamento de Geografia da Universidade de Kentucky desde 1991. Qual é o balanço que você faz da geografia nos últimos 30 anos? O que mudou e o que se mantém? Penso que o Departamento de Geografia da Universidade do Kentucky é um bom lugar para se estar quando se tenta ver essas diferenças, porque lá é um lugar onde há muitos tipos de geografias diferentes sendo feitas.

SUE ROBERTS: Essa é uma grande pergunta.

IV: É uma conferência inteira, não é?

SUE ROBERTS: Sim, exatamente! É realmente uma grande pergunta. O Departamento de Geografia da Universidade do Kentucky tem sido minha casa, vamos dizer, por realmente muito tempo, e em parte porque tem sido um espaço muito acolhedor e receptivo com novas ideias, com diferentes tipos de estudos geográficos. Talvez isso não seja típico de todos os departamentos. Na verdade, não acho que isso seja típico, penso que é bastante atípico. O mérito vai, eu penso, para algumas das pessoas que já estavam lá há tempos quando eu era nova e que me apoiaram, apesar de não entenderem exatamente o que eu estava fazendo. E confiaram que se tratava de algo interessante. Acho que isso se deve em parte pela cultura do departamento e seu comprometimento com a liberdade intelectual, eu diria. Porque você pode entrar em departamentos onde há uma enorme preocupação com policiar determinadas fronteiras e onde é tudo sobre subdisciplinas e ortodoxias de diferentes tipos, e em Kentucky nunca foi dessa forma. Eu sou muito feliz de ter ido parar lá.

Sobre como as coisas mudaram? Bem, como campo, a geografia mudou radicalmente desde o começo dos anos 1990. Quer dizer, há ramos completamente novos da geografia que não existiam em 1991. Eu penso, por exemplo, na ecologia política. Sim, claro. Acho que alguns dos primeiros trabalhos sobre erosão dos solos e coisas desse tipo foram publicados nessa época em que não eram muitos os estudantes que estavam trabalhando nessa área. Não havia grandes debates sobre a natureza e a sociedade, etc. Atualmente, é um campo enorme e muito vibrante. E incluindo pessoas do Kentucky que foram contratadas para fazer esse trabalho. O mesmo se passa com as geografias negras. Isso não existia, penso que não existia, pelo menos que eu saiba. Estou certa de que existia, sob algumas formas, no início dos anos 90. Mas, agora, tornou-se um campo muito importante na geografia e contribui não só para a geografia, mas de uma forma mais geral. Estes são apenas dois exemplos.

MFF: E as coisas que acha que continuam a acontecer na Geografia, as coisas que permaneceram, que não mudaram nesse período? O que não mudou?

SUE ROBERTS: Bem, acho que temos tido um interesse duradouro, se estamos falando do departamento do Kentucky, penso que continuamos a ter um interesse duradouro pela Geografia Econômica, diria eu, em termos muito gerais. Há um grande número de pessoas que se interessam genuinamente pelas diferentes facetas da economia global ou da economia urbana, em alguns casos. E que mais? A Geografia Política. Penso que continua a existir uma geografia política muito vibrante por parte dos colegas do Kentucky. Quer dizer, penso que o empenho no pensamento crítico ainda está presente em Kentucky. Muitas pessoas estão interessadas, estudantes e professores estão interessados, penso eu, em procurar formas alternativas de pensar ou repensar as maneiras aceitas de abordar os problemas. Digamos que é assim.

IV: Bem, você tem se apresentado muitas vezes como uma geógrafa feminista. Como em um artigo mais recente, de 2016, intitulado *Feminism and Economic Geography: what difference does difference make?* [Feminismo e Geografia Econômica: que diferença faz a diferença?] É um título muito bonito... Você e outras duas geógrafas falam sobre a fundação de uma Geografia Econômica feminista. Em que consistiria esta mudança na Geografia Econômica?

SUE ROBERTS: Essa é uma grande questão, mas remete para a pergunta que me fizeram sobre o trabalho de David Harvey. Penso que se começarmos a pensar que a diferença é um fator, e não me refiro apenas a um trabalho versus outros. Se admitirmos que estamos inseridos num sistema econômico de formas diferentes devido ao nosso gênero, à nossa raça, à forma como somos racializados, à forma como somos classificados em termos de gênero, etc. Podemos ser pessoas com deficiências físicas ou não. Todos estes aspectos são fatores da nossa experiência de vida econômica. Por que razão esses elementos não deveriam estar nas nossas teorias sobre a espacialidade da vida econômica? Pois não é uma coisa separada. Não é um resultado disso, é uma espécie de condição para habitarmos esses mundos. Penso que é essa a diferença que faz, a diferença que a diferença faz. E, por vezes, penso que a Geografia Econômica se agarra às suas raízes, que estão muito ligadas a este tipo de abordagem abstrata, mais abstrata, que trata a Economia como se fosse uma coisa, uma coisa separada de alguma forma, ou como se tivesse regras de alguma forma. E isto está fora da sociedade, mas não está. É algo que os humanos criaram e que, por sua vez, molda

"Se admitirmos que estamos inseridos num sistema econômico de formas diferentes devido ao nosso gênero, à nossa raça, à forma como somos racializados (...) Todos esses aspectos são fatores da nossa experiência de vida econômica."

os humanos. Molda a vida social. Mas penso que é preciso ter essa compreensão relacional da economia desde o início. E, depois de o fazermos, penso que as diferenças podem entrar em jogo. E penso que essa foi uma grande contribuição de Gibson-Graham. Penso que essa foi uma das grandes contribuições para a Geografia.

MFF: Bem, para além das suas aulas de doutoramento sobre o Caribe, você tem feito investigações sobre Oaxaca, no México, e tem viajado por vários outros países da América Latina. Qual é o seu contato com a geografia latino-americana, incluindo a brasileira?

SUE ROBERTS: Bem, juntamente a outras colegas, tive um projeto no sul do México, em Oaxaca, durante vários anos. Tratava sobre a globalização das ONGs [organizações não governamentais]. Na altura, dava-se muita atenção à globalização das empresas, mas o setor das ONG estava explodindo, de fato, em termos de número de pessoas empregadas, em termos de projetos, em termos de fluxos de dinheiro que fluíam através dessas redes. Estávamos muito interessados nessa questão. Trabalhamos com um geógrafo em Oaxaca, no sul do México, para investigar esses fenômenos. Mas não tínhamos uma parceria com ele – ele estava numa espécie de instituto alternativo; não fazia parte do sistema universitário formal em Oaxaca.

O nosso contato com eles foi, diria, leve, na melhor das hipóteses, com colegas mexicanos. Apresentamos algumas vezes, discutimos algumas vezes, mas não era um projeto de colaboração com uma universidade mexicana formal nessa altura. Poderia ter sido mais forte se tivéssemos prosseguido, mas não sei. Na altura, não sabíamos, não sei bem qual era a nossa desculpa. Mas acho que não precisávamos o fazer, porque sentíamos que tínhamos essas redes e que eram suficientes. Mas teria sido mais rico se tivéssemos tido mais colegas mexicanos envolvidos. O meu contato com a geografia brasileira é, mais uma vez, muito leve. Quero dizer, sinto que aprendi muito só por estar aqui. Esta é a minha primeira vez no Brasil, aprendi muito apenas nesta semana ou mais que estou aqui. Gostaria de estar mais envolvida com a Geografia brasileira do que tenho estado.

IV: Bem, esta é a sua primeira vez no Brasil e não podemos deixar de perguntar, geograficamente, o que achou interessante, ou os pontos mais interessantes que encontrou na sua viagem ao longo destas semanas aqui no Brasil.

SUE ROBERTS: Ainda não mencionamos nesta entrevista, mas estou atualmente trabalhando apenas na administração da universidade. Há cerca de sete anos que a minha cabeça está mais voltada para o trabalho administrativo do que para o trabalho acadêmico. E a minha viagem até aqui, o meu tempo aqui no Brasil, deveu-se a essa função. Eu me sinto muito feliz por ter sido convidada por colegas aqui da USP para

vir visitar o departamento e para, por exemplo, participar desta entrevista. Mas essa não é a principal razão pela qual eu estou aqui, por isso em meu tempo aqui não fui conhecendo outros geógrafos, exceto hoje. Não posso dizer que tenho uma boa noção da Geografia como disciplina, não tenho. Ainda estou aprendendo de uma forma muito infantil, numa fase muito inicial.

Mas a minha percepção da vida intelectual do Brasil, apenas a partir da interação com colegas nesta espécie de visita mais administrativa e numa conferência realizada esta semana em São Paulo, é a de que é, como é de se esperar, muito animada, que as universidades são centros de debate e discussão sobre questões políticas difíceis. Essa é uma fonte de tensão muito grande neste momento nos Estados Unidos, pelo contraste dessa semana, que é muito duro, porque estou lendo no meu *feed* de notícias sobre estudantes que foram presos na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, por protestarem contra investimentos e outros aspectos da relação da universidade com a guerra em Gaza. É um grande contraste, ou pelo menos não um contraste, mas algo de que tive consciência aqui. Parece-me que existe uma tradição muito diferente de, talvez não diferente, mas de qualquer forma, uma tradição distinta de envolvimento político por parte dos estudantes e do corpo docente. Gostaria de saber mais sobre isso. Esta é apenas uma impressão muito, talvez superficial, mas é minha impressão.



MFF: Gostaria apenas, para terminar essa pergunta, que você pudesse apontar algumas das barreiras para tornar essas relações mais fortes, que sentiu neste período em que trabalhou no México. Não sei se poderia explicar isso um pouco mais, apontando algumas das barreiras que podemos encontrar.

SUE ROBERTS: Penso que há muita coisa. Penso que se está falando de interações, basicamente entre geógrafos nos lugares. Bem, há uma interação óbvia, que é a língua. Muitos geógrafos do Norte Global utilizam, ou o inglês é a sua língua materna, ou utilizam o inglês, certo? Isso torna automaticamente mais difícil para as pessoas que não se sentem confortáveis em inglês ou que não tiveram a oportunidade, talvez, de praticar inglês, fazer parte de uma conversa, se essa conversa for monolíngue. Se for monolíngue. Penso que a natureza monolíngue da Geografia anglófona é uma

espécie de barreira. Penso que outra barreira são os recursos. As pessoas têm recursos diferentes em todo o mundo, podem viajar para conferências, que é onde muito desse intercâmbio acontece. Nem toda a gente pode viajar para essas conferências com a mesma frequência que os outros. E isso inclui as pessoas do Norte Global, que nem sempre têm recursos para ir a conferências. As conferências se tornaram bastante caras.

E também penso que estamos demorando um pouco para aprender com a COVID. Poderíamos ter aprendido mais lições sobre intercâmbios virtuais. Poderíamos, e talvez isto esteja acontecendo e eu não saiba, ter mais colóquios virtuais, mais conferências virtuais, mais simpósios virtuais, coisas em que as pessoas pudessem trocar ideias e pesquisas sem terem de viajar. E talvez essas coisas pudessem ser multilíngues. Não sei, talvez a IA possa ajudar, talvez a tecnologia possa ajudar com uma espécie de tradução simultânea que ultrapasse algumas das barreiras linguísticas. Não sei qual é a resposta, mas penso que todos se beneficiam com a livre troca de ideias. É uma pena que não esteja acontecendo mais. E penso que talvez precisemos de mais imaginação para o fazer.

"Penso que a natureza monolíngue da Geografia anglófona é uma espécie de barreira (...) outra barreira são os recursos (...) Nem toda a gente pode viajar para essas conferências com a mesma frequência que os outros. E isso inclui as pessoas do Norte Global."

IV: Esta é a última pergunta. Gostaria de saber se você poderia falar um pouco mais sobre o futuro, sobre o que já começou a falar. Depois da pandemia, podemos imaginar novas formas de fazer ciência, conferências, partilhar conhecimentos. Quais são, na sua opinião, os principais desafios para os geógrafos na próxima década? Ou, pelo menos, para os geógrafos dos Estados Unidos, de onde você fala, mas o que acha que é um desafio para a Ciência?

SUE ROBERTS: Muito bem, acho que há duas maneiras de responder a isso. Não sei exatamente a que se refere, mas há os grandes desafios básicos e existenciais. O que vamos fazer em relação às alterações climáticas? Na verdade, o que vamos mudar? Quem vai mudar? Fazer o quê? Quando? E como serão desenvolvidas políticas para mitigar alguns dos efeitos das alterações climáticas? Porque elas estão acontecendo. E há grandes questões existenciais como esta. Penso que os direitos dos animais são outra questão, ou as relações interespécies, se a chamemos assim. Como é que nós, enquanto seres humanos, vamos levar a sério as outras espécies do planeta? Na verdade, está um pouco relacionado, mas há este tipo de questões. Como a Geografia vai responder a isso, a esse tipo de desafio gigantesco que

enfrentamos como seres humanos? E depois penso que há o desafio de como fazer, refazer a geografia como disciplina. É um desafio diferente. Como é que fazemos a Geografia de forma diferente? Talvez esteja relacionado com estas grandes questões. Mas também tem a ver com a forma de termos uma comunidade geográfica mais inclusiva que leve a sério as vozes do Sul Global, digamos assim, e que dê igual plataforma a ideias provenientes de espaços e povos marginalizados. E penso que isso é algo em que vamos ter de trabalhar muito, muito arduamente. Muito, muito mesmo.

Porque podem dizer "bem, mudamos muito", e isso é, de fato, parte do que vou falar esta tarde [na conferência na USP]. Mudamos muito, e é verdade. Nós mudamos, a Geografia mudou, pelo menos nos EUA, mudou bastante. Mas, por outro lado, não tanto. Não é bem assim. Há muita discussão entre as pessoas sobre... uma coisa é ser convidado para a festa, certo? Então, estamos na festa. Mas outra coisa é ser convidado para dançar. E outra coisa é sermos nós quem convidamos alguém para dançar. Há muitas maneiras de estar na festa. Podemos, para estarmos plenamente presentes, ter o mesmo interesse, não o mesmo, mas ter uma espécie de igualdade de interesses seria o ideal. Mas penso que estamos muito, muito longe disso.

IV: Bem, finalmente, você tem este cargo administrativo na universidade e é professora há muitos anos. Como pensa que a inteligência artificial mudará as universidades no futuro? Você falou, por exemplo, da possibilidade de tradução instantânea através de um tipo de software que poderia ajudar nas conferências online. Mas o que pensa que mudará a nossa forma de fazer, de ensinar e de aprender?

SUE ROBERTS: Ok, não vou falar muito sobre inteligência artificial porque não sou um especialista. Não sou mesmo. E penso que é uma coisa muito complicada que está acontecendo. Está acontecendo. O que eu notei é que está acontecendo tão depressa, tão rapidamente. Na verdade, hesito em fazer quaisquer observações, porque penso que está acontecendo muito mais depressa do que qualquer outra coisa que observei, quanto mais compreender. Mas me parece que é uma espécie de revolução no sentido em que somos produtores de conhecimento. É isso que as universidades são. A IA parece oferecer a possibilidade de que as máquinas também o sejam, não apenas de aprenderem, mas de produzirem novos conhecimentos. Acho que vou ficar por aqui. Se for esse o caso, acho que é o que está acontecendo, então não haverá impacto apenas nas nossas comunicações e no nosso ensino nesse sentido técnico, vai talvez mudar a natureza da aprendizagem, do conhecimento e do saber. É uma espécie de desafio epistêmico, penso eu.

IV: Muito obrigado por esta entrevista.

SUE ROBERTS: Obrigada a vocês.

★ ★ ★



Sobre a entrevistada

SUSAN M. ROBERTS, conhecida como Sue Roberts, é uma geógrafa britânica. É professora de Geografia Econômica no Departamento de Geografia da Universidade do Kentucky (EUA) desde 1991 e, atualmente, é vice-reitora de internacionalização. É licenciada pela Universidade de Leicester (Reino Unido) e tem mestrado e doutorado pela Universidade de Syracuse, Nova Iorque (EUA), sob a orientação do geógrafo John Agnew. Sue Roberts realizou pesquisas no sul do México, no Caribe, na Irlanda e na Austrália. Entre 2012 e 2017, foi editora da Progress in Human Geography, uma das mais prestigiadas revistas da área.

Sobre os entrevistadores

IGOR VENCESLAU é doutor em geografia humana pela Universidade de São Paulo. Entre 2015 e 2016, foi pesquisador visitante na Universidade do Kentucky, sob a supervisão da Prof.ª Sue Roberts.

MARIA FERNANDA FOSSALUZA é aluna de graduação no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Entre 2023 e 2024, foi aluna visitante na Universidade do Kentucky.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pelos estágios de pesquisa no exterior 23/08057-3 e 15/06152-2, sob a coordenação da Prof.ª Mónica Arroyo (USP).

Fotografias de autoria dos entrevistadores.